

Avançar à esquerda

A crise social e económica que atinge o nosso país deixou bem à vista a falência do modelo de desenvolvimento que tem sido implantado no concelho de Sta. Maria da Feira. O modelo da mão-de-obra intensiva, pouco qualificada, e dos baixos salários resultou, numa altura de crise, num aumento exponencial do desemprego e na depauperação do tecido económico do concelho. As desigualdades, que já eram gritantes e colocavam Sta. Maria da Feira como o concelho com menor poder de compra *per capita* da Grande Área Metropolitana do Porto, agudizaram-se e a pobreza e a exclusão social são, agora, realidades palpáveis.

A época que vivemos é de fim de ciclo de quase três décadas de governação no concelho. A estratégia que foi promovida para o concelho encontra-se refém de si própria, sem se conseguir superar, num claro declínio. O concelho do homem mais rico do país é, também, um dos concelhos mais desiguais.

O desafio para a esquerda socialista é o de responder, sem tibiezas, à crise social que assola o concelho e o país. É a construção de respostas para as pessoas, de promoção de maior equidade e justiça na distribuição da riqueza: É a construção de um caminho com futuro para o concelho.

Uma visão socialista de futuro para o concelho

A ideologia dominante tenta passar que, particularmente ao nível do poder local, não existem grandes diferenças entre as visões que os vários partidos defendem. No fundo, todos terão em vista o mesmo “bem comum”, existindo apenas algumas diferenças de pormenor, mais ou menos esbatidas. São recorrentes os apelos a um projecto comum entre todos os partidos. Nada mais falso! É uma tentativa de conciliação que só tenta esconder as diferentes visões de sociedade que estão em causa e os resultados nefastos que muitas dessas escolhas trazem.

A escolha da esquerda socialista é colocar as pessoas no centro da política. É a defesa de políticas sociais em detrimento da política imobiliária; é a defesa de serviços públicos, em detrimento de mais privatizações; é o acesso universal à cultura, em vez da comercialização da oferta cultural; é o primado da Democracia e da Cidadania sob as fugas das empresas municipais.

O projecto socialista para o concelho é a resposta do futuro para um concelho aprisionado a um modelo ultrapassado.

Políticas Sociais para combate à crise

Os desempregados são as primeiras vítimas da crise económica que vivemos. A escassez de emprego, num cenário de baixos salários, torna ainda mais desprotegidos aqueles que são sempre os primeiros a sentir na pele as convulsões económicas. A primeira resposta terá necessariamente de ser uma resposta à crise social, prestando protecção aos mais desprotegidos, erradicando os focos de pobreza, combatendo a exclusão social.

O contexto local, apesar de algumas limitações, apresenta um enorme espaço de

trabalho para implementação de políticas sociais, com respostas céleres e ações junto das pessoas. Só é possível uma intervenção social se não existir preconceito em percorrer o terreno e contactar com as situações mais prementes.

A resposta séria é a resposta multidisciplinar de quem quer realmente apresentar soluções aos feirenses em vez do habitual foguetório.

Mais serviços públicos, mais igualdade

Os serviços públicos são o alvo preferencial da rapina do capital nos próximos tempos. Representam, em muitos casos, monopólios naturais que, sendo privatizados, nos colocarão reféns de interesses privados. É pois, na defesa dos serviços públicos que a esquerda socialista colocará as suas energias. Mas, não nos ficaremos apenas por uma estratégia defensiva e imobilista: Exigimos o fim das empresas municipais e que as condições de acesso aos serviços públicos sejam universais e gratuitas. Só assim conseguiremos promover a igualdade no que consideramos essencial enquanto sociedade.

Defenderemos a gestão séria e eficiente dos serviços públicos e estaremos na primeira linha da defesa da sua modernização e evolução.

O acesso à saúde deverá ser gratuito, universal e público, promovendo uma prática preventiva ao contrário da actual política do medicamento. A resposta que é necessária não se coaduna com filhas de espera de várias horas nas urgências ou vários anos em algumas especialidades.

A educação deve ser inclusiva, não discriminando os alunos em função das suas origens. É uma escola aberta à aos saberes sociais que defendemos. A escola como serviço a toda a comunidade é o projecto pelo qual pugnaremos. O acesso ao conhecimento é outra das preocupações que o Bloco de Esquerda defende, pelo que se torna claro a necessidade de mudança na gestão da biblioteca municipal, modernizando oferta e abrindo a sua influência à sociedade.

A cultura é a porta que nos dá acesso a novas visões sobre a realidade e que, confrontando-nos connosco próprios, nos permite avançar. É um serviço público essencial que deveria estar aberto à participação de todos, enquanto público e agentes, e que terá de ter respostas concelhias estruturadas que terminem, de vez, com o elitismo existente.

Mais emprego, Melhor emprego

A promoção de emprego é essencial num contexto de crise. Para tal, é preciso um corte radical com a política que tem sido traçada no concelho, criando uma clivagem com a política de salários baixos e empregos pouco qualificados. A política de emprego para o século XXI terá de ser através da valorização dos recursos humanos, potenciando o conhecimento adquirido com formação ao longo da vida.

A visão socialista da criação de emprego, por outro lado, potencia a criação de redes sociais locais, promovendo um desenvolvimento sustentado e sustentável, articulado regionalmente. A criação de pólos de conhecimento será uma forma de

valorizar e difundir o conhecimento científico no concelho, permitindo uma modernização do tecido produtivo e uma maior valorização dos trabalhadores.

A política de criação de emprego só terá sucesso se for uma política de exigência e valorização. Não concordamos com a depauperação dos cofres públicos com perdões fiscais à criação de empresas que, por um lado só sobrevivem por esta política de facilitismo, por outro lado servem muitas vezes para esconder anseios especulativos sem qualquer repercussão no tecido económico local.

A economia existe para servir as pessoas e não o contrário. Nortearmos sempre a nossa prática por este princípio.

Mais coesão territorial, maior coesão social

O desenvolvimento territorial do concelho demonstra uma falha clara na concepção de uma ideia integradora para o concelho, colocando a política urbanística refém dos interesses imobiliários. A falta de planeamento é visível na distribuição do edificado, mas, também, na forma como os serviços públicos estão centralizados e desfasados das reais necessidades dos feirenses.

A esquerda socialista defende uma política urbanística que proteja os cidadãos das garras da banca, de contratos de crédito que os tornam reféns para toda uma vida. Ao retirarmos o peso das prestações mensais do orçamento das famílias, valorizamos mais o rendimento indirecto dos feirenses. A promoção da reabilitação urbana e a criação de bolsas de aluguer potenciam a diminuição dos custos com a habitação própria e promovem uma melhor qualidade do edificado.

Por outro lado, só liberta dos interesses imobiliários e dos especuladores é que uma política urbanística conseguirá responder às necessidades de criação de uma coesão territorial, onde 31 freguesias aparecem dispersas e desconexas.

A distribuição de serviços públicos pelo concelho é, também, uma forma de coesão territorial, na medida que democratiza a facilidade de acesso a todos os feirenses.

Mais ambiente, maior qualidade de vida

O ambiente é um dos activos fundamentais das sociedades modernas. Deve, por isso mesmo, ser cuidado e potenciado. No nosso concelho temos assistido a uma governação que vira as costas às mais-valias ambientais que existem e que fecha os olhos aos atropelos ambientais que vão acontecendo.

A esquerda socialista defende que desenvolvimento tem de ser sinónimo de consciência ambiental e que a qualidade de vida de todos nós está directamente ligada com a forma como nos relacionamos com o meio ambiente.

Consideramos que a economia não pode colocar o ambiente como refém das suas intenções, sobrepondo as suas práticas à defesa ambiental. Não pactuaremos e denunciaremos todos os atropelos ambientais e potenciaremos a protecção da natureza e a sua vivência pública.

Lista

Efectivos:

| | | | | | | | |
|---|---------------------|----|-------------------|----|--------------------|----|---------------------|
| 1 | Nuno Serrano | 9 | Andreia Oliveira | 17 | Patric Figueiredo | 25 | Marco Leite |
| 2 | Fabian Figueiredo | 10 | Ricardo Fonseca | 18 | Joana Resende | 26 | José António Santos |
| 3 | Daniela Borges | 11 | António Torres | 19 | Carlos Pais | 27 | Eva Ramajal |
| 4 | Paulo Mendes | 12 | Vanessa Teixeira | 20 | Manuel Rocha | 28 | Hugo Silva |
| 5 | Eduardo Silva | 13 | Joaquim Dias | 21 | Manuela Pinto | 29 | João Realinho |
| 6 | Liliana Cardoso | 14 | Rui Machango | 22 | Ricardo Duarte | 30 | Carla Pinho |
| 7 | Pedro Filipe Soares | 15 | Patricia Oliveira | 23 | João Duarte | 31 | Daniel Castro |
| 8 | Luis Sá | 16 | Sergio Cunha | 24 | Margarida Pinheiro | | |

Suplentes:

| | |
|----|----------------|
| 32 | Ivo Cosme |
| 33 | Fátima Alves |
| 34 | Carlos Miguel |
| 35 | Rafael Marques |
| 36 | Anabela Pinho |
| 37 | Sergio Tiago |
| 38 | Paula Oliveira |